


## DESVENDANDO O SILÊNCIO MASCULINO: REFLEXÕES SOBRE IDENTIDADE E CUIDADO

 <https://doi.org/10.56238/arev7n1-125>

Data de submissão: 14/12/2024

Data de publicação: 14/01/2025

**Anderson Alexandre Araújo Sá**

E-mail: andersonalexandrearaujo@outlook.com

### RESUMO

O artigo investiga os discursos masculinos em torno da construção da identidade de gênero e do cuidado, utilizando como base as narrativas apresentadas no documentário "O Silêncio dos Homens". A pesquisa explora como discursos normativos, perpetuados desde a infância, contribuem para a formação de barreiras emocionais nos homens, dificultando a expressão de sentimentos e a abertura para a vulnerabilidade. São analisados os impactos da masculinidade hegemônica e as formas como essa estrutura afeta tanto os homens quanto suas relações interpessoais, abordando temas como violência de gênero, repressão emocional e resistência ao cuidado. O estudo também destaca iniciativas de desconstrução de padrões hegemônicos, ressaltando a importância de práticas reflexivas e do envolvimento ativo dos homens em uma ética de cuidado. A metodologia qualitativa, baseada em análise de conteúdo, permitiu a identificação de três categorias temáticas: discursos sobre ser homem, violência e masculinidade hegemônica, e protagonismos e práticas de cuidado. Os resultados apontam para a necessidade de repensar as masculinidades em uma perspectiva crítica, promovendo o cuidado como componente essencial para a equidade de gênero e o bem-estar emocional.

**Palavras-chave:** Homem. Masculinidades. Silêncio. Gênero. Cuidado.

## 1 INTRODUÇÃO

Desde a infância, os homens são socializados para desempenhar papéis sociais que demandam o controle emocional e o silenciamento de seus afetos. Essa socialização ocorre por meio de discursos normativos frequentemente reproduzidos por familiares, amigos e professores, como: “homem não chora”, “homem de verdade tem que ser corajoso” e “homem que é homem gosta de mulher”. Tais discursos contribuem para a construção de barreiras emocionais, dificultando a identificação e a expressão de sentimentos, bem como a comunicação sobre o impacto emocional dessas experiências e suas implicações nas relações interpessoais.

O modelo de masculinidade hegemônica, marcado por juventude, heterossexualidade, cisgeneridade, branquitude, força e virilidade (Rodriguez, 2020), é socialmente normativo e considerado a forma mais honrada de ser homem (Connell, 2013). Esse padrão incentiva a dominação masculina sobre mulheres e masculinidades subalternas, ou seja, expressões marginalizadas de masculinidade, como as de homens não brancos, não heterossexuais ou que fogem dos padrões tradicionais de força e poder (Connell, 2013).

A masculinidade hegemônica, em interação com o patriarcado e o machismo, define quais indivíduos são socialmente reconhecidos como “homens legítimos”. Kimmel (1998) destaca que as masculinidades são construções sociais, dinâmicas e contextuais, inseridas em relações de poder que reforçam desigualdades de gênero, raça, etnicidade, sexualidade e idade, com o sexismo e a homofobia como expressões desse processo.

Segundo Castro (2018), a construção de uma sociedade democrática exige que a educação reduza desigualdades, desarticulando tanto as identidades femininas subalternizadas quanto as masculinidades tóxicas produzidas pelo machismo. Embora o modelo de masculinidade estimule comportamentos agressivos, viris e o desprezo por características associadas ao feminino, ele também afeta os próprios homens, refletido nas altas taxas de acidentes de trânsito e homicídios, enquanto as mulheres, de forma desproporcional, enfrentam violência doméstica e assédio no trabalho.

Além disso, faz-se necessário questionar o falocentrismo, crença que permeia os processos de socialização dos homens, posicionando-os como "dominadores naturais". Essa perspectiva desconsidera outras formas de expressão de gênero, invisibilizando masculinidades que não se estruturam a partir da virilidade e da violência, mas que se manifestam em torno de fragilidades e vulnerabilidades (Medrado, 2014).

Bell Hooks (2020) destaca que, no início do movimento feminista contemporâneo, havia uma política anti-homem, em que a raiva das mulheres era canalizada como forma de libertação. Essa fúria surgia em resposta ao modo como os homens se beneficiavam do patriarcado para exercer o sexismo,

mesmo quando participavam de lutas por justiça social, como os direitos dos trabalhadores, dos pobres e pela equidade racial. No entanto, quando o debate envolvia políticas de gênero, tornava-se evidente a hipocrisia e o viés seletivo desses discursos, que acabavam por reforçar a dominação masculina sobre as mulheres.

Ademais, destaca-se que um dos desafios centrais foi reconhecer que os homens não eram os únicos responsáveis pelo problema, sendo necessário compreender o papel das mulheres na manutenção e perpetuação do sexismo. A autora ressalta a importância da participação masculina no feminismo, não apenas como aliados, mas como agentes ativos na luta por igualdade, o que pode contribuir para a resignificação da identidade masculina. Esse envolvimento promove uma política de cuidado que valoriza a autoestima e o autoamor, tanto consigo mesmos quanto nas relações com os outros, considerando que toda cultura de dominação tende a atacar esses aspectos, condicionando a construção do senso de identidade à subjugação do outro (Hooks, 2020)

Conforme Harding (2019), ainda que os homens usufruam de privilégios em razão do patriarcado, é possível desenvolver e aplicar ações reflexivas que considerem experiências não pautadas na depreciação das mulheres e de homens socialmente percebidos como “femininos”. Outro aspecto relevante a ser destacado é o auto silenciamento de grupos de homens que performam masculinidades dissidentes. Sob a perspectiva de Butler (2019), esses homens não se alinham à “matriz heterossexual”, pois não se enquadram no campo de inteligibilidade cultural que naturaliza determinados corpos, gêneros e desejos. Isso inclui, por exemplo, homens homossexuais e bissexuais, negros, trans, pobres e aqueles que apresentam expressões de gênero consideradas “afeminadas”.

Diante do exposto, o documentário brasileiro *O Silêncio dos Homens* (2019), dirigido por Ian Leite e Luiza de Castro e produzido pelo Instituto Papo de Homem, destaca-se como uma importante referência nas discussões sobre masculinidade hegemônica. A obra explora as experiências de homens em relação ao processo de construção de suas identidades, abordando temas como as performances de masculinidade desde a infância, as vivências de homens negros e trans no contexto das masculinidades, paternidades, violência de gênero, agressividade masculina e restrição emocional.

Segundo Guilherme Valadares (2019), editor-chefe do *PapodeHomem*, a produção do documentário *O Silêncio dos Homens* foi motivada pela constatação de que os homens raramente compartilham seus medos e inseguranças, um silêncio refletido em contextos como violência doméstica, ausência de mulheres em posições de poder, assédio e altas taxas de suicídio, homicídio e encarceramento.

O documentário destaca como os homens podem se engajar em uma política de cuidado por meio de grupos reflexivos, rodas de conversa e movimentos sociais. No entanto, no Brasil, surgem

também grupos terapêuticos masculinos baseados em abordagens psicologizantes e espiritualistas (Filho, 2022). Muitos homens ainda resistem à desconstrução da masculinidade hegemônica, perpetuando o ciclo de não-cuidado, já que o cuidado é socialmente associado ao feminino. Essa resistência está enraizada em uma estrutura de gênero sustentada pela heteronormatividade, machismo e patriarcado, que reforçam ideais de força, virilidade e invulnerabilidade (Machin et al., 2011).

Embora algumas atividades busquem questionar os processos subjacentes e os assujeitamentos envolvidos na performance de gênero masculina, a mudança de atitudes requer prática reflexiva, pois o lamento coletivo, isoladamente, não transforma as relações de poder baseadas no gênero. O estudo de Filho (2022) evidenciou, ainda, o limitado conhecimento dos participantes sobre os feminismos e suas pautas voltadas à construção de um “novo homem”. Diante disso, este artigo analisou os discursos masculinos sobre as masculinidades, a partir das vivências retratadas no documentário *O Silêncio dos Homens*, investigando: quais elementos compõem os discursos sobre a construção da identidade masculina? Que iniciativas os homens têm adotado para desconstruir a masculinidade hegemônica? E como podem se engajar em uma ética do cuidado?

## 2 METODOLOGIA

Este estudo caracteriza-se como uma pesquisa qualitativa, cuja coleta de dados foi realizada a partir da análise dos discursos apresentados no documentário *O silêncio dos homens* (2019). Os relatos presentes no documentário foram transcritos utilizando a plataforma Transkriptor e posteriormente submetidos a uma análise de conteúdo de natureza categorial-temática, conforme proposto por Bardin (2016).

A análise de conteúdo, nesse contexto, envolveu a segmentação do material em unidades de significado, seguidas pela categorização de trechos com base em similaridades conceituais. Essa abordagem permitiu a identificação de padrões discursivos e a construção de categorias temáticas, considerando as representações sociais sobre a masculinidade e o cuidado emocional.

O processo analítico foi conduzido em três etapas: (I) Pré-análise – organização do material coletado e constituição do corpus de análise; (II) Exploração do material – codificação e categorização de trechos discursivos relevantes; e (III) Tratamento dos resultados, inferência e interpretação – reflexão sobre os significados emergentes, integrando as categorias criadas à discussão teórica sobre masculinidades e cuidado.

O tratamento dos dados foi auxiliado pelo software NVivo 14, uma ferramenta que facilitou a codificação e organização dos dados em categorias temáticas, possibilitando uma análise mais

sistemática e rigorosa. As principais categorias resultantes desta análise foram: (a) discursos sobre ser homem; (b) violência e masculinidade hegemônica; e (c) protagonismos e práticas de cuidado.

Essa abordagem metodológica permitiu explorar as percepções e experiências dos participantes, contribuindo para uma compreensão crítica sobre os processos de construção da masculinidade e as possibilidades de desconstrução de padrões hegemônicos por meio da reflexão e do cuidado.

### 3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise qualitativa dos discursos apresentados no documentário O silêncio dos homens permitiu identificar diferentes aspectos relacionados às vivências e percepções sobre masculinidade. As falas dos participantes foram agrupadas em três categorias temáticas, que emergiram da análise de conteúdo: (a) discursos sobre ser homem; (b) violência e masculinidade hegemônica; e (c) protagonismos e práticas de cuidado. A seguir, cada uma dessas categorias será apresentada e discutida, articulando-se com referenciais teóricos sobre gênero, masculinidades e cuidado.

#### 3.1 DISCURSOS SOBRE SER HOMEM

Esta categoria refere-se aos discursos que expressam as percepções dos participantes sobre o significado de ser homem. O participante A descreve sua vivência como homem negro e destaca os esforços empreendidos para alcançar um ideal de masculinidade pautado na branquitude. Ressalta, ainda, que esse parâmetro revelou-se inatingível em seu processo de construção identitária.

Então eu tinha uma série de teorias e crenças sobre o que eu achava que um homem tinha que ser. É muito comum a gente ouvir ou sentir que a gente precisa como homens negros no meu caso ainda aqui de pele clara, ser melhor do que os outros pra chegar em algum lugar. Se você não for dez vezes melhor do que o menino branco que tá na sua sala, cê num vai chegar nem perto do lugar que ele vai chegar. Então, durante muito tempo, eu tentei mirar numa construção do que seria ser um homem cada vez melhor, entender que o meu aspiracional naquela hora era virar um homem branco, era tentar ser um homem que eu nunca ia chegar a ser (Participante A).

Sua fala evidencia aspectos essenciais sobre a masculinidade e o processo de tomada de consciência. O primeiro ponto destacado é que o homem negro é frequentemente percebido como o 'outro', não sendo plenamente reconhecido pela masculinidade hegemônica. O segundo aspecto aborda a relação de desigualdade marcada por parâmetros étnicos e de gênero, em que a negritude é posicionada como indesejável e associada a um lugar de 'inferioridade'. Nesse contexto, o homem negro enfrenta a necessidade de esforçar-se para superar o homem branco, cujos privilégios, historicamente e socialmente conferidos, garantem maior acesso e inserção em diversos espaços.

Bell Hooks (2022) destaca que homens negros, em nossa sociedade, são frequentemente estereotipados pelo machismo e racismo, sendo vistos como desprovidos de habilidades intelectuais. Nessa perspectiva, o corpo é supervalorizado em detrimento da mente, uma vez que o patriarcado supremacista branco capitalista imperialista os retrata como 'pouco inteligentes', 'idiotas' e 'lentos'. O homem negro que refletia excessivamente era, assim, percebido como uma ameaça no contexto de uma sociedade racista. Diante disso, a construção identitária do homem negro é atravessada pelo racismo produzido pela branquitude, de forma que seu Ideal de Ego também se encontra mediado por esse processo.

Souza (2021, p. 41) afirma que o sujeito negro 'nasce e sobrevive imerso numa ideologia que lhe é imposta pelo branco como ideal a ser atingido e que endossa a luta para realizar este modelo'. A autora destaca, ainda, que na construção do Ideal de Ego Branco, a regra fundamental imposta ao sujeito negro é a negação, ou seja, a rejeição e a tentativa de eliminação de qualquer 'mancha negra' em sua identidade.

Ademais, é possível identificar nos discursos dos participantes B, C e D a presença de atributos como virilidade, competição, esforço e provisão, os quais reforçam o lugar hegemônico do homem. A figura do provedor refere-se ao homem como o principal responsável pelo sustento financeiro da família, enquanto a mulher é destinada ao cuidado dos 'afazeres domésticos' e à maternagem. Essa divisão sexual dos papéis sociais dialoga com a perspectiva de Zanello (2018), que descreve o 'dispositivo amoroso e materno' como central na subjetividade feminina. O dispositivo amoroso, em particular, atua como um mecanismo de desempoderamento das mulheres e de empoderamento dos homens, protegendo-os psiquicamente, uma vez que, culturalmente, espera-se que a mulher deseje conquistar e manter uma relação amorosa. Caso não corresponda a essa expectativa e permaneça solteira, a mulher é socialmente rechaçada, o que pode levá-la ao sofrimento psíquico.

Pra ser macho tem que ser viril, tem que ser competidor (Participante B).

Homem mesmo tem que estar na roça, tem que cuidar do gado, tem que ir pro arado (Participante C).

O homem sai pra trabalhar e traz o sustento da casa e a mulher fica em casa lavando louça, cuidando dos filhos, limpando a casa (Participante D).

Nesse contexto, a maternagem, associada aos cuidados oferecidos pelas mulheres aos filhos e às atividades domésticas, configura um benefício para os homens, pois reforça a divisão que posiciona a mulher na esfera privada e o homem na esfera pública. Essa lógica contribui para explicar por que

tantas mulheres abandonam seus projetos pessoais para se dedicarem aos objetivos de seus companheiros. Os homens, por outro lado, são interpelados pelo dispositivo de eficácia, que se refere às performances de gênero vinculadas às virilidades sexual e laborativa. A virilidade sexual está relacionada à demonstração de potência, à conquista de múltiplas parceiras e à afirmação de atributos como ser 'imbrochável' e 'macho-alfa'. Já a virilidade laborativa diz respeito ao desempenho produtivo, especialmente no campo do trabalho, exigindo estar empregado, prover financeiramente, competir com outros homens e resistir para manter o status social de dominador (Zanello, 2018).

A seguir, apresenta-se a fala do participante:

Os homens eles desde pequeno eles têm que forjar uma identidade masculina que é essa baseada na força, na não sensibilidade, é como se a parte emocional, a parte afetiva não pudesse vir à tona, né? (Participante E)

O participante E associou a concepção de masculinidade a noções de força e ausência de sensibilidade. Sua fala evidencia como a restrição emocional presente na identidade masculina faz com que a expressão de aspectos sensíveis e afetuosos seja interpretada como sinais de fragilidade e, portanto, negativos. Contudo, quando essa dimensão emocional se manifesta por meio da violência e agressividade, como em confrontos físicos públicos entre homens, o status masculino é reafirmado, sendo percebido como sinal de autoridade e dignidade, especialmente quando associado à força. Essas performances de masculinidade também são observadas desde a infância, quando meninos interagem entre si em brincadeiras de luta (Bola, 2020).

O participante E ainda relata:

E isso cria uma camisa de força dentro do universo masculino, né? Como se os homens crescessem muitas vezes com suas emoções todas trancafiadas. Isso pra mim explica muito por que os homens tem que competir o tempo inteiro ou botar a sua vida em risco o tempo todo pela honra. Ou entendeu? Pra provar que é homem, pra não levar um desaforo pra casa, né? Então assim, os códigos que nós tamos passando e vivendo na sociedade, elas são extremamente ameaçadoras pros homens, porque os homens eles se matam e eles matam aos outros.

Esse posicionamento nos conduz a refletir sobre quais seriam as possibilidades de subjetivação masculina que não estejam necessariamente legitimadas pela masculinidade hegemônica. No entanto, será que os homens realmente refletem sobre essas questões? Estariam eles preocupados com a forma como a performance hegemônica pode reprimir e aprisionar suas emoções? Nessa perspectiva, o 'não-pensar' está associado ao campo do irrefletido e inabalável, uma estratégia que busca ofuscar a fragilidade identitária e preservar o status quo (Teperman et al., 2020).

O participante E ainda destaca que os homens frequentemente se colocam em situações de

risco na tentativa de manter a honra, visando suprimir qualquer evidência de vulnerabilidade emocional. O homem considerado honrado é aquele que exerce controle e se submete à lei social, o que implica ocupar uma posição de dominância sobre os outros (Machado, 2004).

Os homens se envolvem em comportamentos violentos contra si e contra os outros, o que está diretamente associado às situações de risco em que frequentemente estão inseridos. O Boletim Epidemiológico do Ministério da Saúde (2021) revelou um maior risco de morte por causas violentas entre homens nos últimos dez anos, enquanto as mulheres apresentam maior prevalência de ideação e tentativa de suicídio (Borges et al., 2010; Nock et al., 2008). No caso dos homens, observa-se uma maior intenção letal e um padrão de agressividade que se manifesta no uso de métodos mais letais, como armas de fogo e objetos perfurocortantes, além de influências de instabilidades econômicas. Por outro lado, as mulheres tendem a utilizar meios menos letais, como a autointoxicação e o envenenamento, que, embora graves, são mais passíveis de reversão quando o atendimento é realizado de forma ágil e eficaz (Stone et al., 2016; Fisher et al., 2015).

### 3.2 VIOLÊNCIA E MASCULINIDADE HEGEMÔNICA

Esta categoria evidencia um dos aspectos mencionados no documentário: a violência como consequência do impacto da masculinidade hegemônica. Dentre os principais temas abordados pelos participantes, destacaram-se a violência direcionada às mulheres, ao homem negro e à comunidade LGBTQIA+.

Em um dos relatos, o participante F apontou que a ausência de abertura emocional e a dificuldade em reconhecer e expressar os próprios sentimentos frequentemente resultam no uso da agressividade e da violência, direcionadas tanto a outros homens quanto a mulheres e até mesmo aos próprios filhos.

Eu acho que ser capaz de identificar poucos sentimentos, não ser capaz de nomear o que se sente é um dos motivos que levam vários homens a usar a violência como linguagem. Essa linguagem vai perpassar a relação com ele, mas com outros homens, com mulheres, com filhos (Participante F).

A violência manifesta-se como um mecanismo de garantia da dominação nas relações humanas, dificultando o diálogo e a construção de trocas genuínas. No contexto das relações de gênero, essa dinâmica torna-se ainda mais rígida, uma vez que a instrumentalização simbólica dos sujeitos gera padrões de pensamento e comportamento que cristalizam ambos os gêneros em posições fixas e essencialistas (Arendt, 2008). Além disso, a violência decorrente do modelo hegemônico masculino é perpetuada culturalmente e reforçada por dispositivos de persuasão e estruturas



institucionais (Connell; Messerschmidt, 2013). A violência contra as mulheres, nesse cenário, é utilizada como uma forma de legitimar o poder e a virilidade masculina. No entanto, há expressões de masculinidades hegemônicas que não se limitam à violência e a práticas tóxicas (Santos et al., 2021).

A seguir, a fala do participante G está relacionada ao conceito de masculinidade marginalizada, conforme descrito por Connell (1995):

Mas sem dúvida eu acho que tem algumas experiências que são mais pontuais, né? Como exemplo a primeira batida policial, por exemplo, que eu tomei no dia do meu aniversário, 2004, nunca vou esquecer, uma arma na cabeça, estava saindo de um show, indo na casa de um amigo que faz aniversário no mesmo dia que eu. A dor é entender que eu culpo um lugar que independente do quão eu sou, do quão eu estudo, de quão bonito eu sou, de quão bem vestido eu sou, de quão cheiroso eu sou, de quão legal eu sou, isso vem antes de mim, né? Isso vem antes de mim (Participante G).

Segundo a autora, a masculinidade marginalizada refere-se à relação entre grupos étnicos e classes sociais subordinadas, manifestando-se quando a masculinidade hegemônica exerce poder sobre outros grupos. Essa marginalização está intrinsecamente conectada a outros marcadores sociais, como raça e classe. Nesse contexto, o homem negro torna-se alvo de marginalização por parte do grupo dominante de homens brancos e pela estrutura da branquitude, sendo as abordagens policiais uma experiência recorrente de violência e dor. Independentemente das conquistas individuais, a negritude continua a ser percebida como uma 'mancha' em relação aos padrões da masculinidade hegemônica.

Essa violência também se expressa simbolicamente, especialmente na construção da identidade racial do sujeito negro. Tal dinâmica relaciona-se ao colorismo, em que quanto mais retinta a pele de uma pessoa, menos direitos, 'privilégios' e acessos sociais ela possui, ao contrário daquelas que se aproximam dos ideais de branquitude (Cruz; Baliscei, 2020). O genocídio da população negra se insere nessa problemática, uma vez que a masculinidade hegemônica sustenta estruturas de violência direcionadas a essa população, especialmente contra jovens negros, frequentemente alvos de abordagens policiais (Silva, 2020).

Nesse contexto, outra população frequentemente alvo de violência é a comunidade LGBTQIA+, uma vez que as expectativas hegemônicas de masculinidade impõem que os homens devem ser heterossexuais, reforçando padrões normativos de comportamento e identidade. Essa pressão social, mencionada pelo participante H, contribui para a marginalização e agressões direcionadas a quem não se adequa a esses ideais, evidenciando como a masculinidade hegemônica opera na exclusão e repressão de identidades dissidentes.

Acho que viver com medo é quase que um padrão pra qualquer pessoa que faça parte de qualquer minoria. Seja mulher que não sai na rua sem medo de ser assediada, seja gay que

sofre medo de sofrer uma violência, seja um negro que sai na rua e alguém acha que é um assaltante. As pessoas transcorrem não é por causa de outras pessoas transas, as pessoas transcorrem porque essa norma ser homem, do ser mulher é que mata a gente, né? Essa raiva, esse ódio que mata as pessoas trans, que violenta os gays, que violenta as lésbicas, que violenta as mulheres é isso tudo que violenta a sociedade (Participante H).

Tanto a homofobia, a misoginia quanto o racismo representam expressões de violência instrumentalizadas, resultantes da imposição da heterossexualidade compulsória, ideal que sustenta a masculinidade tradicional (Carvalho, 2012). Conforme Louro (2019), essa dinâmica se torna ainda mais complexa para sujeitos cujos interesses ou desejos divergem da norma heterossexual, resultando, muitas vezes, em silêncio, dissimulação ou segregação. Uma vez que a representação dominante da masculinidade está vinculada à heterossexualidade, essa norma frequentemente é acompanhada pela rejeição e pela violência contra a homossexualidade, manifestando-se de forma explícita na homofobia. A homoafetividade, nesse contexto, é culturalmente associada ao 'mundo feminino', sendo representada como sinônimo de fragilidade, sentimentalismo e permissividade.

Por fim, destaca-se a violência direcionada às mulheres, conforme o relato da participante I:

Acho que toda mulher tem uma história de violência pra contar, toda mulher tem várias histórias de violência pra contar, são violências que aconteceram em casa, são violências que aconteceram no ambiente de trabalho, são violências que acontecem na rede. Praticamente sessenta por cento dos casos eles ocorrem quando a mulher fala que quer o divórcio ou fala que quer romper o namoro, o relacionamento e ele não se conforma e infelizmente a forma dele reagir a isso é com violência (Participante I).

Essa violência manifesta-se em diversos contextos, seja no ambiente doméstico ou profissional, sendo frequentemente expressa por meio do assédio sexual. Destaca-se, ainda, o controle exercido por homens, conforme mencionado pela participante, especialmente em contextos de rompimento de relacionamentos, nos quais reações agressivas substituem o diálogo. Essas dinâmicas contribuem para as elevadas taxas de feminicídio, em que os homens figuram como principais autores. Embora tenham ocorrido avanços legais no enfrentamento à violência de gênero, tais conquistas ainda se mostram insuficientes para transformar a realidade cotidiana de violência enfrentada pelas mulheres.

De acordo com Russel (2011), o feminicídio é motivado por razões de gênero, resultando de desigualdades estruturais que sustentam masculinidades violentas e tornam os assassinatos de mulheres socialmente inteligíveis. Entre os argumentos frequentemente utilizados para justificar tais crimes estão a 'legítima defesa da honra' e o 'matou por amor' (Pimentel et al., 2006; Eluf, 2021).

Nos relacionamentos amorosos, a estrutura de violência é legitimada quando a separação ou tentativa de rompimento por parte da mulher se torna inconcebível para o agressor, levando-o ao

homicídio como forma extrema de controle. Nessa perspectiva, o ciúme surge como uma reação elaborada a partir de um sistema sexo-gênero baseado na moralidade e na monogamia femininas, sendo, no entanto, interpretado de forma diferenciada quando se trata dos homens (Maffioletti et al., 2022).

### 3.3 PROTAGONISMOS E PRÁTICAS DE CUIDADOS

Esta categoria está relacionada aos momentos em que os homens ressaltaram o cuidado como uma possibilidade de repensar a masculinidade, ou quando o associaram ao processo educativo voltado para a formação de novas perspectivas sobre o ser homem. Essa abordagem enfatiza o protagonismo masculino na desconstrução da masculinidade hegemônica, destacando a importância da vulnerabilidade e da abertura emocional no desenvolvimento de relações mais saudáveis e equitativas.

O primeiro relato que será abordado é o do participante J, que mencionou a abertura emocional como uma forma de os homens reconhecerem e expressarem suas fragilidades:

Abertura emocional tem a ver com você dizer, cara, eu tô com medo de não ser competente no meu trabalho. Eu tô com medo de perder a minha parceira, o meu pai tá muito doente e eu não sei como reagir em relação a ele, eu não sei o que falar e eu tenho um monte de coisas engasgadas aqui que eu não consigo dizer. Isso é abertura emocional e eu não preciso fazer isso chorando ou dizendo que eu sou um coitado (Participante J)

Quando discutimos a masculinidade, é interessante observar que os discursos masculinos frequentemente remetem à restrição emocional como característica central. No entanto, no documentário analisado, percebe-se uma ênfase na importância da abertura emocional. O participante J destacou o valor de os homens revelarem suas fragilidades, permitindo que estas sejam simbolizadas e possibilitando, assim, a construção de outras formas de expressão de masculinidade, distantes do padrão hegemônico. Entretanto, em sua fala, observa-se ainda uma ressonância desse modelo hegemônico ao afirmar: 'não preciso fazer isso chorando'. Mas, e se esse homem acabar chorando?

Refletir sobre abertura emocional também implica considerá-la como um aspecto central para a saúde dos homens. A leitura feminista de gênero e saúde, desde a década de 1960, tem transformado significativamente o campo das ciências humanas e sociais, bem como das ciências da natureza e da saúde, impulsionada pelo protagonismo dos movimentos sociais de mulheres e feministas (Medrado, 2008). No entanto, os homens tendem a evitar o contato com suas fragilidades, uma vez que frequentemente associam a doença à fraqueza, o que dificulta a expressão de suas ansiedades e os torna mais resistentes ao relatar sintomas emocionais (Silva; Melo, 2021).

A seguir, o participante K compartilha seu relato:

Quando você escolher falar do que tem dentro, você não vai ser menos homem por isso. Quando um amigo escolher fazer isso, o seu pai, o seu filho, o seu irmão, não faço pouco disso. Pergunta porque que ele tá falando isso, o que que ele sente (Participante K).

O participante K também destaca que atitudes voltadas ao cuidado nas relações entre os homens e com os outros não implicam em uma perda de masculinidade. No entanto, comportamentos sensíveis e atenciosos frequentemente desencadeiam questionamentos sobre a identidade masculina, tornando esses homens alvos de 'piadas', provocações e bullying, especialmente por meio de expressões pejorativas como 'viado' e 'mulherzinha', que refletem a manutenção de estereótipos hegemônicos. Tais reações, muitas vezes, partem do grupo social dominante, visando desqualificar formas alternativas de expressão masculina.

No estudo de Oransky e Fisher (2009), ao operacionalizarem o construto de masculinidade, foi identificado que a provocação social — manifestada por brincadeiras e piadas entre homens — busca testar a capacidade de tolerância ao desconforto como parte do processo de afirmação masculina.

O participante K ainda enfatiza a importância de questionar as motivações e sentimentos subjacentes a essas provocações, trazendo uma dimensão empática essencial para a construção de práticas de cuidado. Essa abordagem rompe com o individualismo, no qual o homem prioriza apenas seus desejos e prazeres, e promove a inserção em uma ética relacional voltada ao cuidado. Uma transformação nesse sentido foi relatada por um dos participantes ao descrever como suas atitudes começaram a mudar ao exercer a paternidade:

Pelo que o meu pai nos criou ele sempre dizia se não fizesse o que ele mandasse fazer. O cacete rolava. A gente não tinha uma liberdade de sentar com ele assim. Pai eu quero conversar com o senhor. A gente não teve isso. Quando ele sentava pra conversar já era com a tabica na mão. Reunia os menino aos meus irmão pra que um batesse no outro. Você hoje vai cortar a tabica pra bater em quem errou. Então tudo isso veio uma consequência que me oprimiu até quando eu escutei a minha esposa dizer eu estou grávida. Pronto eu vou querer pra o meu filho coisas boa. Não vou querer o que meu pai fez comigo. (Participante L).

É fundamental refletir sobre até que ponto o cuidado paterno se estende no exercício da paternidade, especialmente considerando que, em muitos contextos, os homens ainda delegam a função de cuidar exclusivamente às mulheres, prática frequentemente 'naturalizada' como pertencente ao gênero feminino. No entanto, o conceito de paternidade ativa, cada vez mais debatido, diferencia o 'pai que ajuda' do 'pai que cuida'. O primeiro limita sua participação a cuidados básicos, como trocar fraldas ou dar banho, enquanto o segundo envolve-se de forma integral e afetiva na criação, buscando

desenvolver vínculos emocionais e participando ativamente das responsabilidades familiares e domésticas, como limpar a casa, preparar refeições, levar as crianças à escola, marcar consultas médicas e compartilhar as tarefas cotidianas. Essa divisão equilibrada visa reduzir a sobrecarga e as desigualdades entre os membros da família.

Nesse contexto, o pai torna-se protagonista do cuidado, seja ao lado do(a) companheiro(a) ou mesmo de forma independente, como ocorre nos casos de 'pais solos' em famílias monoparentais (Moura, 2021).

Um dos participantes associou o cuidado à participação mais ativa na paternidade, como destacado no relato a seguir:

Repensar a masculinidade parte do repensar qual que é o nosso cuidado com o outro. Eu dei um exemplo num grupo de pais pretos um tempo atrás que os caras estavam falando, reclamando das companheiras e aí eu fiz uma pergunta lá, lancei uma pergunta. Eu falei, escuta, você sabe sua filha tem cinco anos, é cinco anos. Você sabe quantas calcinhas da sua filha tem na gaveta dela. Aí o cara se preocupou, mas o que que essa pergunta tem a ver? Não, alguém tem que saber. E aí quando eu faço essa, quando eu faço esses questionamentos, eu faço também pra mim. Eu também me vejo nessa posição de eu não sei quantas calcinhas a minha filha tem lá na gaveta. (Participante M).

Neste contexto, o participante M trouxe uma reflexão provocativa ao questionar o envolvimento paterno, perguntando se um dos cuidadores sabia o número de calcinhas da própria filha. Tal questionamento visava instigar os demais participantes a refletirem sobre o nível de engajamento dos homens na criação de seus filhos, em vez de apenas reclamarem de suas parceiras. Essa provocação expõe uma realidade em que os homens assumem pouca responsabilidade na educação dos filhos, algo perceptível pela ausência de discussões ou experiências em que tenham, de fato, dialogado com seus filhos sobre temas cotidianos e íntimos.

Com frequência, a preocupação dos homens em exercer a paternidade só se manifesta quando essa função é formalmente convocada, geralmente em situações específicas e pontuais. No entanto, repensar a paternidade como uma via para que os homens se envolvam afetivamente e estabeleçam laços mais próximos com parceiras(os) e filhas(os) é essencial para a desconstrução da masculinidade hegemônica. Isso inclui a ampliação da dimensão do cuidado como parte integrante da experiência masculina.

Contudo, o cuidado ainda é culturalmente naturalizado como uma atribuição feminina, enquanto os homens são frequentemente incentivados a adotar uma postura emocionalmente distante e 'fria'. Essa distância emocional está ligada ao medo de que o envolvimento afetivo e a expressão de vulnerabilidades possam ser percebidos como uma ameaça à masculinidade, evidenciando a necessidade de repensar essas normativas sociais.

A paternidade ativa refere-se ao envolvimento emocional protagonizado pelo homem em todas as fases do planejamento reprodutivo, gestação, parto, puerpério e desenvolvimento infantil, com o objetivo de fortalecer vínculos saudáveis entre os cuidadores e seus filhos(as). Esse conceito ganhou notoriedade, especialmente nas redes sociais, sendo difundido por ações individuais e coletivas de homens ou grupos que compartilham informações sobre a criação e os cuidados físicos (banho, sono, troca de fraldas, alimentação) e emocionais (gestão de birras, compreensão das fases do desenvolvimento) das crianças, pautando-se em atitudes afetivas e comunicação não violenta, respeitando o bem-estar infantil.

Nesse sentido, a paternidade ativa não se restringe a uma busca por igualdade entre os papéis maternos e paternos, mas promove uma perspectiva ampliada de equidade, considerando todos os sujeitos envolvidos nas dinâmicas familiares (Moura; Damasceno, 2021). Trabalhar a paternidade ativa implica romper com paradigmas, uma vez que tanto homens quanto mulheres podem exercê-la. Essa abordagem está associada a uma disposição de 'atitude', prontidão e proatividade que são essenciais no exercício da função paterna (Brasil, 2018; Silva, 2019).

Contudo, o repensar da masculinidade deve ir além da experiência da paternidade, uma vez que as relações de gênero são moldadas desde a infância e ressignificá-las é um passo essencial para romper com a associação histórica entre masculinidade, agressividade e machismo. No entanto, a ideologia patriarcal e machista ainda opera como estrutura orientadora na construção das identidades masculinas (Rangel et al., 2017).

A discussão sobre masculinidade, no entanto, é plural e interseccional, atravessada por marcadores sociais como classe econômica, etnia, gênero (cis/trans), religião e localização geográfica. É fundamental escutar as vozes desses homens para que sua inclusão efetiva na dimensão do cuidado ocorra, promovendo a desconstrução de padrões hegemônicos que sustentam as masculinidades (Gaspodini et al., 2017).

Outro sujeito que participa do documentário indaga o porquê que ninguém se prepara para paternidade:

E aí uma pergunta que eu trago, por que que ninguém se prepara pra paternidade? Parece que vai vir uma luz divina quando a criança nasce e vai iluminar o nosso ser e a gente né? A partir daquele momento você é um pai, né? Só que o amor não é construído de uma hora pra outra uma relação não é construída de uma hora pra outra. Pra cuidar de um filho realmente você precisa se conectar no nível emocional e pra isso você precisa entrar em contato com emoções que talvez você como homem nunca se permitiu [...] (Participante N)

O investimento amoroso em um relacionamento e no cuidado com os filhos não se resume ao fornecimento de recursos materiais, como dinheiro e alimentação, nem à simples performance do

papel de 'homem da casa' ou ao exercício do provedor. Mais do que isso, o participante N expressa sua compreensão de que amar implica conectar-se emocionalmente, superando as barreiras afetivas que muitos homens enfrentam. Essa dificuldade de identificação e expressão emocional pode estar relacionada a uma condição conhecida como alexitimia, que prejudica a capacidade de reconhecer e compreender os próprios sentimentos e os dos outros, impactando negativamente o desenvolvimento da empatia.

No contexto ocidental, não há uma conexão culturalmente estabelecida entre masculinidade e paternidade, diferentemente das mulheres, que são imediatamente associadas à capacidade de gerar e cuidar de filhos. A maternidade, nesse sentido, é tipificada pelo envolvimento direto com o cuidado, enquanto a figura paterna ocupa um espaço predominantemente simbólico. Esse modelo é sustentado pelo patriarcado, que promove um silêncio cultural em torno das discussões sobre os papéis masculinos no cuidado e na parentalidade.

Como consequência, tanto a paternidade quanto as masculinidades tornam-se irrefletidas, uma vez que acessar territórios relacionados ao cuidado exige lidar com a vulnerabilidade — aspecto frequentemente rejeitado pelos homens, já que fragilidades emocionais são vistas como uma ameaça ao status quo e à manutenção dos privilégios masculinos (Teperman et al., 2020).

Construir vínculos afetivos, ser amoroso, carinhoso e promover tanto o autocuidado quanto o cuidado com os outros esbarra nas expectativas impostas pela masculinidade hegemônica. Nesse modelo, tais características são frequentemente associadas ao feminino e, portanto, vistas como ameaças ao ideal de masculinidade, sendo evitadas ou reprimidas.

Esse contexto também levanta a necessidade de questionar a responsabilidade masculina ao mencionar o conceito de 'proteção'. O que, de fato, os homens buscam proteger ao assumir esse papel? Seria a fragilidade percebida como um risco de 'perda da masculinidade'?

Muitos homens que assumem o papel de 'protetores' acabam por reproduzir a lógica patriarcal, na qual a figura paterna delega às mulheres a responsabilidade pelo cuidado e pelas tarefas emocionais e domésticas. O participante O destacou que há três dimensões frequentemente associadas à paternidade: proteção, procriação e provisão. Embora esses aspectos não sejam irrelevantes, ele ressalta a importância de ampliar essa compreensão, defendendo que o homem-pai — e, por extensão, os demais homens — deve também se envolver ativamente na dimensão do cuidado, rompendo com a ideia de que essa responsabilidade é exclusivamente feminina.

Então antigamente tinha três pilares. O pilar da proteção, da procriação e da provisão. Então a transformação numa paternidade ativa é deixar pra trás um pouco a questão da simples proteção e passar pro cuidado. Então já não é um pai que entra e resolve. Agora a gente tem

um pai que cuida. Então é um pai que já não está esporadicamente, mas está presente, já não tem uma atitude passiva, tem uma atitude ativa (Participante O)

Retratando os três aspectos mencionados, a proteção reforça a ideia de que os homens são responsáveis por proteger suas famílias e comunidades, fundamentando-se em uma construção de gênero que associa masculinidade à força, coragem e capacidade de enfrentar situações de perigo. Essa expectativa impõe uma pressão significativa sobre os homens, que precisam demonstrar resistência e controle emocional. A proteção também se estende ao campo emocional, no qual o homem deve prover estabilidade e segurança em suas relações familiares e afetivas.

A procriação, por sua vez, está associada ao papel tradicionalmente estabelecido de que o homem deve fertilizar uma mulher, contribuindo para a perpetuação da espécie. Essa concepção reforça a expectativa de potência sexual e de geração de descendência como elementos centrais da identidade masculina.

Já a provisão refere-se ao papel do homem como provedor financeiro da família, frequentemente representado pelo conceito de 'chefe da família', uma construção historicamente naturalizada pelo patriarcado, que associa o valor e a identidade masculina à capacidade de sustentar financeiramente o núcleo familiar.

Por outro lado, o participante também destaca a importância do cuidado como uma função essencial na experiência paterna. De acordo com Ayres (2001), o cuidado envolve uma relação intersubjetiva entre duas ou mais pessoas, visando minimizar o sofrimento e promover o bem-estar, considerando os saberes e práticas necessárias para essa tarefa.

Portanto, o cuidado não deve ser entendido como uma responsabilidade exclusivamente feminina, mas sim compartilhada entre todos os membros da família, incluindo os homens, para que seja integral e efetivo. Atribuir o cuidado apenas às mulheres limita a experiência masculina, resultando em homens que negligenciam tanto o cuidado com o outro quanto consigo mesmos, ou que delegam essa função integralmente a terceiros (Ribeiro et al., 2017).

#### **4 CONCLUSÃO**

Observa-se uma crescente preocupação entre alguns homens em desconstruir a masculinidade hegemônica, buscando refletir de forma crítica sobre suas atitudes e os impactos que estas geram em si e no outro. O documentário *O Silêncio dos Homens* ilustra essa realidade e se insere em uma perspectiva feminista, ao evidenciar homens que se empenham em promover igualdade e equidade de gênero. No entanto, essa discussão precisa ser ampliada e aprofundada em diferentes contextos, pois,



em sua maioria, os homens ainda não demonstram um compromisso ativo em se responsabilizar por esse movimento de cuidado.

A construção de masculinidades saudáveis é viável, desde que se reconheçam caminhos que vão além da culpabilização ou vitimização dos homens. Para isso, é fundamental a implementação efetiva de políticas públicas, com o envolvimento protagonista de profissionais da saúde, educação e outras áreas, além de uma atuação significativa da sociedade e do Estado na ressignificação das masculinidades.

## REFERÊNCIAS

- ARENDETT, H. A condição humana. Tradução: Roberto Raposo. 10. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.
- BOLA, JJ. Seja homem: a masculinidade desmascarada. Dublinense, 2020.
- BORGES, G. et al. Twelve-month prevalence of and risk factors for suicide attempts in the World Health Organization World Mental Health Surveys. *The Journal of clinical psychiatry*, v. 71, n. 12, p. 21777, 2010.
- BRASIL, M. da S. Mortalidade por suicídio e notificações de lesões autoprovocadas no Brasil. *Boletim Epidemiológico*, v. 52, p. 1-10, 2021.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. Cartilha para pais: como exercer uma paternidade ativa. Brasília: Ministério da Saúde, 2018.
- BUTLER, J. Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade. Editora José Olympio, 2019.
- CARVALHO, S. Três hipóteses e uma provocação sobre homofobia e ciências criminais: Queer (ing) criminology. *Boletim IBCCrim*, v. 238, 2012.
- CASTRO, S. O papel das escolas no combate às masculinidades tóxicas. *APRENDER-Caderno de Filosofia e Psicologia da Educação*, n. 20, 2018.
- CONNELL, R. W.; MESSERSCHMIDT, J. W. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. *Revista Estudos Feministas*, v. 21, n. 01, p. 241-282, 2013.
- CONNELL, R.; MESSERSCHMIDT, J. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. *Revista Estudos Feministas, Florianópolis*, v. 21, n. 1, p. 241-282, 2013.
- CRUZ, A. G. S.; BALISCEI, J. P. “Não é uma fantasia, este sou eu”: Discussões sobre a representação e performance da masculinidade negra na série Sex Education (2019). *Revista Crítica Histórica*, v. 11, n. 22, p. 100-130, 2020.
- ELUF, L. N. A paixão no banco dos réus. Saraiva Educação SA, 2021.
- FILHO, A. L. A. S. Uma nova "casa dos homens"?: O gênero em questão nos grupos terapêuticos masculinos. *Cadernos de Gênero e Diversidade*, v. 8, n. 4, p. 28-57, 2023.
- FISHER, L. B.; OVERHOLSER, J. C.; DIETER, L. Methods of committing suicide among 2,347 people in Ohio. *Death studies*, v. 39, n. 1, p. 39-43, 2015.
- GASPODINI, I. B. et al. Masculinidades em diálogo: Produção de sentido a partir de marcadores sociais da diferença. *Mudanças-Psicologia da Saúde*, v. 25, n. 1, p. 17-25, 2017.
- HARDING, S. A instabilidade das categorias analíticas na teoria feminista. In: HOLLANDA, H. B. *Pensamento feminista: conceitos fundamentais*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.

HOOKS, B. O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras. Rosa dos Tempos. 2020.

KIMMEL, M. S. A produção simultânea de masculinidades hegemônicas e subalternas. Horizontes antropológicos, v. 4, p. 103-117, 1998.

LOURO, G. L. O corpo educado: pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

MACHADO, L. Z. Masculinidades e violências: gênero e mal-estar na sociedade contemporânea. In: SCHPUN, M. (Org.). Masculinidades. São Paulo: Boitempo, 2004.

MACHIN, R. et al. Concepções de gênero, masculinidade e cuidados em saúde: estudo com profissionais de saúde da atenção primária. Ciência & Saúde Coletiva, v. 16, p. 4503-4512, 2011.

MAFFIOLETI, C.; SOUZA, D. C.; BEIRAS, A. Motivações para o crime de feminicídio: Revisão integrativa da literatura. Quaderns de Psicologia, v. 24, n. 2, p. 8, 2022.

MEDRADO, B. “Princípios ou simplesmente pontos de partida fundamentais para uma leitura feminista de gênero sobre os homens e as masculinidades”. In: BLAY, Eva Alterman (Org.). Feminismos e masculinidades: novos caminhos para enfrentar a violência contra a mulher. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2014. p. 55-74.

MEDRADO, B.; LYRA, J. Por uma matriz feminista de gênero para os estudos sobre homens e masculinidades. Estudos feministas, v. 16, n.3, p. 809-840, 2008.

MOURA, T. A.; DAMASCENO, F. J. G. “PAI NÃO AJUDA, PAI CUIDA”: UMA LEITURA SOBRE A PATERNIDADE ATIVA. Revista de História Bilros: História (s), Sociedade (s) e Cultura (s), v. 9, n. 19, p. 43-62, 2021.

NOCK, Matthew K. et al. Cross-national analysis of the associations among mental disorders and suicidal behavior: findings from the WHO World Mental Health Surveys. PLoS medicine, v. 6, n. 8, p. e1000123, 2009.

ORANSKY, M.; FISHER, C. The development and validation of the meanings of adolescent masculinity scale. Psychology of Men & Masculinity, v. 10, n. 1, p. 57, 2009.

PAPO DE HOMEM. O silêncio dos homens. Youtube, 29 de agosto de 2019. Disponível em: [bit.ly/44UooYq](https://bit.ly/44UooYq). Acesso em 14 set 2023.

PIMENTEL, S.; PANDJIARJIAN, V.; BELLOQUE, J. " Legítima defesa de honra". Ilegítima impunidade de assassinos: um estudo crítico da legislação e jurisprudência da América Latina. In: Vida em família: uma perspectiva comparativa sobre crimes de honra. 2006. p. 65-208.

RAMOS, L. et al. A gente é da hora: homens negros e masculinidade. Editora Elefante, 2022.

RANGEL, E. M. R. et al. “PORQUE EU SOU É HOME!”: UMA ANÁLISE DOS IMPACTOS DA CONSTRUÇÃO SOCIAL DA MASCULINIDADE NO CUIDADO COM A SAÚDE. Interfaces Científicas-Humanas e Sociais, v. 6, n. 2, p. 243-252, 2017.

RIBEIRO, C. R.; GOMES, R.; MOREIRA, M. C. N.. Encontros e desencontros entre a saúde do homem, a promoção da paternidade participativa e a saúde sexual e reprodutiva na atenção básica. *Physis: Revista de Saúde Coletiva*, v. 27, p. 41-60, 2017.

RODRIGUEZ, S. S. Um breve ensaio sobre a masculinidade hegemônica. *Diversidade e Educação*, v. 7, n. 2, p. 276-291, 2019.

Russell, D. The origin and importance of the term femicide. 2011. Disponível em: <[bit.ly/3Lt8uNF](https://bit.ly/3Lt8uNF)>. Acesso em 14 set. 2023.

SANTOS, D. F. et al. Masculinidade em tempos de pandemia: onde o poder encolhe, a violência se instala. *Saud soc.* v. 30, n. 3, 2021.

SILVA, C. Z. NEGROS AINDA LUTAM POR DIREITOS BÁSICOS. *ETIC-ENCONTRO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA-ISSN 21-76-8498*, v. 16, n. 16, 2020.

SILVA, M. L. A paternidade em rede: subsídios para o exercício da paternidade ativa dos pais/parceiros com base na Pesquisa Nacional Saúde do Homem-Paternidade e Cuidado-Etapa III no Distrito Federal. Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva) – Universidade de Brasília, p. 120, 2020.

SILVA, R. P.; MELO, E. A. Masculinidades e sofrimento mental: do cuidado singular ao enfrentamento do machismo?. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 26, p. 4613-4622, 2021.

SOUZA, N. S. Tornar-se negro: ou as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social. Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2021.

STONE, D. M. et al. Mixed methods analysis of sex differences in life stressors of middle-aged suicides. *American journal of preventive medicine*, v. 51, n. 5, p. S209-S218, 2016.

TEPERMAN, D.; GARRAFA, T.; IACONELLI, V.. *Gênero*. Autêntica Editora, 2020.

VALADARES, G. Assistam nosso documentário "O silêncio dos homens", na íntegra. *Papo de Homem*. Disponível em: <https://papodehomem.com.br/o-silencio-dos-homens-documentario-completo>. Acesso em: 13 jan. 2025.